

## JORNALISMO ONLINE NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI: PERIFÉRICO E TRANSNACIONAL

Online Journalism on the Brazil-Paraguay Border: Peripheral and  
Transnational

Periodismo Online en la Frontera Brasil-Paraguay: Periférico y  
Transnacional

Gesiel Rocha de Araújo\*

**Resumo:** A fronteira do Brasil com o Paraguai (Ponta Porã e Pedro Juan Caballero) abriga sites de notícias que expressam as marcas fronteiriças mais viscerais: tensão, conflito, contradição, improviso, amorosismo e narrativa do grotesco, mas também cooperação, mescla social e cultural, intercâmbio informacional e esforço para informar a qualquer custo. Dessa leitura inicial parte este trabalho, resultado de uma pesquisa de campo em âmbito de mestrado que buscou compreender alguns aspectos operacionais e editoriais desses veículos, tais como estrutura, modelos empresariais e métodos de trabalho no contexto local e transnacional.

**Palavras-chave:** Jornalismo online, sites de notícias, imprensa fronteiriça, fronteiras transnacionais, Brasil-Paraguai.

**Abstract:** The Brazil-Paraguay border (Ponta Porã and Pedro Juan Caballero) hosts news sites which express the most visceral borderer marks: tension, conflict, contradiction, improvisation, amateurism and grotesque narrative, but also cooperation, social and cultural mixture, informational exchange and effort to inform at any cost. This paper arises from such initial view, as a result of field research for a master degree that sought to understand some operational and editorial aspects of that border media, such as structure,

### Introdução

Consideradas as diferenças e peculiaridades, as fronteiras do Brasil com seus vizinhos sul-americanos são espaços de contradições, conflitos e ambivalências, com situações pontuais de cooperação política, econômica e cultural que resultam numa integração incompleta e controversa. Assim, é preciso escapar da armadilha de interpretar essas “fronteiras híbridas” (CANCLINI, 2008) como ambientes marcados por práticas de irmandade e integração, o que, a nosso ver, só encontraria respaldo no senso comum. Na concepção de fronteira desse autor, culturas híbridas não significam fusão cultural ou ausência de contradições, mas justamente a emergência de conflitos a partir do contato entre diferentes culturas.

\* Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS); integrante do Projeto de Pesquisa Mídia e Fronteiras: Cartografia dos Estudos no Brasil, da Pesquisa Unbral Fronteiras e do Projeto de Extensão Em dia com a Pesquisa (UFRGS); jornalista e mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: gesiel.pro@gmail.com.

business models and working methods in the local and transnational context.

**Keywords:** Online journalism, news sites, border press, transnational borders, Brazil-Paraguay.

**Resumen:** La frontera de Brasil con Paraguay (Ponta Porã y Pedro Juan Caballero) alberga sitios de noticias que expresan las marcas de frontera más viscerales: tensión, conflicto, contradicción, improvisación, amateurismo y narrativa de lo grotesca, pero también la cooperación, la mezcla social y cultural, el intercambio de información y el esfuerzo para informar a cualquier costo. Desde esta lectura inicial, este trabajo es el resultado de una investigación de campo de maestría que intentó comprender algunos aspectos operacionales y editoriales de estos medios fronterizos, como la estructura, los modelos de negocios y los métodos de trabajo en el contexto local y transnacional.

**Palabras clave:** Periodismo online, sitios de noticias, prensa fronteriza, fronteras transnacionales, Brasil-Paraguay.



Partindo dessa perspectiva, buscamos conhecer por meio de uma pesquisa de campo o ambiente social, político e institucional em que atuam os sites de notícias fronteiriços, bem como sua estrutura de trabalho, métodos de cobertura jornalística e linhas editoriais. Realizado em dezembro de 2016 na fronteira Brasil-Paraguai (Ponta Porã e Pedro Juan Caballero), o levantamento constituiu-se das seguintes etapas: sondagem dos veículos atuantes nas duas regiões; análise métrica da audiência e classificação; contatos, visitas aos locais de trabalho e entrevistas abertas em profundidade com proprietários, editores e repórteres.

Este trabalho apresenta uma síntese das incursões teóricas e da pesquisa realizada nas localidades escolhidas que integram uma investigação mais ampla, realizada no âmbito de mestrado e cujo resultado final foi apresentado sob o título “A fronteira ignorada: cooperação e conflito na imprensa fronteira on-line” (ARAÚJO, 2018)<sup>1</sup>. Com o levantamento inicial, definimos e delimitamos o corpus da pesquisa maior, que buscou compreender o espaço e o tratamento editorial dedicados pela imprensa fronteira online aos temas político-institucionais que envolvem o território limítrofe nacional e abordam ou apresentam potencial para a coope-

<sup>1</sup> O mesmo levantamento foi realizado em setembro de 2016 na fronteira Brasil-Bolívia (Corumbá, Puerto Quijarro e Puerto Suárez), visto que a pesquisa completa inclui as duas regiões fronteiriças. Os veículos analisados nessas localidades serão objeto de trabalho futuro.

ração e o conflito.

Portanto, o texto é muito mais o relato de um mapeamento das condições em que atuam os veículos de imprensa online nessas fronteiras, seu *modus operandi* no campo jornalístico, do que um argumento conclusivo sobre a prática do jornalismo fronteiriço. Ainda assim, contextualizamos essa prática a partir da concepção de que fronteiras e jornalismo se retroalimentam e mantêm o fluxo de informações essencial para a dinâmica da vida fronteiriça (MÜLLER, 2003; RADDATZ, 2009). Também procuramos situar a imprensa fronteiriça online no contexto dos gêneros e formatos jornalísticos (MELO; ASSIS, 2016), das editorias temáticas e do desenvolvimento das fases do jornalismo na internet (MIELNICZUK, 2001).

As incursões teóricas e a pesquisa de campo apontaram que a imprensa local desempenha um papel essencial em ambientes fronteiriços, sendo por meio dela que as comunidades se manifestam e discutem publicamente muitos temas de interesse comum, embora a profundidade desse debate mereça outros estudos. Como destaca Soares (2011, p. 12), “a circulação de informações possibilita trocas sociais importantes e essenciais nas cidades localizadas em regiões de fronteira”. Resta responder se o jornalismo é um instrumento a serviço da integração das comunidades e das nações (ZURITA, 2004) e até que ponto deve desempenhar esse papel ou limitar-se ao relato meramente factual.

## O fazer jornalístico na zona de impacto

Entre ondas de transformação e períodos de estagnação, a atividade e o mercado jornalísticos mudaram substancialmente nas últimas décadas em todo o mundo com a chegada da internet, mesmo que, em muitos casos, tenham conservado velhas estruturas de produção e modelos de negócios ultrapassados. Dado o contexto de avanços tecnológicos vertiginosos versus limitadas cadeias de valor, uma questão inicial apareceu: o que há de diferente em fazer jornalismo em regiões de fronteira? Posta com outras palavras: com relação às demais regiões de interior, o que têm as fronteiras de especial para a prática jornalística e a atividade empresarial da imprensa local, particularmente os sites de notícias?

Nesses complexos ambientes de interações e ambiguidades que são as fronteiras, entendemos o jornalismo como um conjunto de técnicas, práticas e atividades que apreendem e representam uma fração da confluência transnacional social e política. Mais do que isso, essas práticas comunicacionais são construídas, como aponta Ruiz (1996, p. 1), “sobre o cultural, mais especificamente sobre as semelhanças entre padrões de conduta, valores, idiomas, enfim, no entorno simbólico entre os dois lados da fronteira”. Trata-se, portanto, de uma retroalimentação entre

jornalismo e fronteiras, cujos fluxos informacionais ajudam a moldar a dinâmica dos cruzamentos das fronteiras culturais entre dois ou mais países.

O exercício do jornalismo e a atuação dos veículos de imprensa integram um contexto no qual “a tríade formada pelos termos globalização, instantaneidade e localidade revela outro fenômeno em curso, [...] que pode ser explicado como uma nova economia de territórios” (MOREIRA, 2013, p. 13). Nesse cenário, a globalização e a localidade fundem-se heterogeneamente para produzir comunidades “glocais” e, de acordo com Ota (2013, p. 291), essa articulação “insere o local no interior da lógica da globalização e como cita Hall (2005) em vez de destruir as identidades nacionais, poderá produzir novas identificações globais e locais”.

Se é possível situar a imprensa atuante em regiões de fronteira como porta-voz de comunidades “glocais”, também é pertinente compreendê-la como uma mídia de proximidade, que, conforme Peruzzo (2003), traduz-se na revitalização de veículos locais e regionais em meio a processos de acelerada globalização das comunicações. Para essa autora, a reafirmação da mídia de proximidade é uma clara demonstração de que, embora conectados ao restante do mundo por meio dos canais de abrangência global como a internet e a TV, “os cidadãos reivindicam o direito à diferença” e “querem ver as coisas do seu lugar, de sua história e de sua cultura expressas nos meios de comunicação ao seu alcance” (2003, p. 67).

Seria legítimo, dessa forma, falarmos em jornalismo fronteiriço? Ou apenas de um jornalismo local, periférico, distante dos centros de poder político, econômico e cultural? Embora se possa argumentar que a influência da imprensa nos múltiplos fatores políticos, sociais e culturais da vida fronteiriça não se diferencie de outras regiões, observações em campo sugerem que, nas fronteiras, ela adquire outros contornos e intensidades porque está inserida num contexto de alta complexidade, de inter-relações entre diversas culturas e identidades que se caracterizam pela diferença e pelo contraste (BARTH, 2000).

Uma breve análise da imprensa online na fronteira Brasil-Paraguai indicou que é expressivo o interesse das comunidades fronteiriças por notícias locais, de ambos os lados, o que parece se confirmar pelo grande número de jornalistas atuando na região, na maioria repórteres amadores e autodidatas. Por meio dos veículos online, o morador fronteiriço busca manter-se informado, de forma imediata, sobre os fatos ocorridos no ambiente no qual está inserido, que não raro envolve pessoas do seu círculo de convivência. Assim, a imprensa online “interage com os cidadãos locais e com os cidadãos do mundo, o que leva a supor uma reorganização desse espaço, no sentido de [...] adequar as informações e os saberes de modo a refletir sobre suas práticas e seus fazeres”, como apontam Müller, Raddatz e Bomfim (2013, p. 70).

Para Weber (2011, p. 221), o jornalismo praticado nas fronteiras apresenta pelo menos duas características diferenciadas: “1) ele produz e divulga notícias sobre os países vizinhos, as quais são, a uma só vez, locais e internacionais; 2) ele produz e divulga notícias para consumidores de distintas nacionalidades”. Compartilhando dessa concepção, Soares entende que o fazer jornalístico fronteiriço, embora não se diferencie tecnicamente, tem características que o distinguem das demais regiões, como “a forma de entender o vizinho próximo. [...] Na fronteira, o interesse informativo de um lado e de outro pode se chocar. Há de se ter uma visão ampla a respeito dos dois lados para que a informação tenha valor para as duas sociedades” (2011, p. 51).

Podemos inferir assim que, como “zona de impacto” e “ao mesmo tempo lugar de integração e espaço de tensão” (RADDATZ, 2009), as fronteiras se revelam no fazer jornalístico e nos veículos de imprensa, que expressam a integração e o conflito entre as comunidades e os países fronteiriços. Assim, é possível que o jornalismo ajude a integrar os povos enquanto mediador entre as culturas, por sua “facilidade de circulação em quaisquer dos ambientes [...] e pode contribuir para uma articulação das questões que dizem respeito ao seu campo de atuação porque é um conhecedor da realidade e de seus melindres” (RADDATZ, 2015, p. 212).

Por um lado, a imprensa extrai das fronteiras a sólida matéria-prima do fazer jornalístico: conflitos, intrincados processos de interação e trocas de bens materiais e simbólicos; por outro, a fronteira recorre à mídia como “um dos principais mecanismos de articulação das ideias do lugar e reflexo de vivências dos sujeitos fronteiriços” (MÜLLER, 2015, p. 135). Portanto, é possível falar em jornalismo fronteiriço porque, conforme essa autora, nas fronteiras ocorre o “contato permanente e diário entre sujeitos de nacionalidades distintas” e a intersecção de culturas definidas como “híbridas, ambíguas, ambivalentes, mestiças, polissêmicas” (2015, p. 133).

## Alguns aspectos do jornalismo online

Os primórdios do jornalismo online ou jornalismo na web no Brasil, em meados dos anos 1990, permitem a identificação de três fases, conforme Mielniczuk (2001, p. 2): fase transpositiva: “os produtos oferecidos, em sua maioria, eram reproduções de partes dos grandes jornais impressos, que passavam a ocupar um espaço na Internet”; fase metáfora: “mesmo ‘atrelados’ ao modelo do jornal impresso, os produtos começam a apresentar experiências na tentativa de explorar as características oferecidas pela rede”, como hipertexto e ferramentas como e-mail e fóruns de debate; e fase do “webjornalismo”, que ela demarca a partir do

surgimento de iniciativas tanto empresariais quanto editoriais destinadas exclusivamente para a Internet. São sites jornalísticos que extrapolam a ideia de uma simples versão para a Web de um jornal impresso e passam a explorar de forma melhor as potencialidades oferecidas pela rede. Tem-se, então, o webjornalismo. (MIELNICZUK, 2001, p. 2).

A partir de então, o jornalismo online passou a apresentar características semelhantes aos demais conteúdos da rede: audiência fragmentada e segmentada, múltiplos discursos, personalização, interatividade, multimídia e convergência, memória (banco de dados) e “onipresença”. A narrativa também sofreu uma mudança importante, superando a linearidade e oferecendo inúmeras opções de conteúdos ao leitor/usuário por meio do recurso do hiperlink. Assim, o jornalismo moldou-se gradativamente à nova forma de consumo de informação pelas pessoas, cada vez mais conectadas à rede e menos restritas ao mero papel de receptoras, tornando-se participantes, colaboradoras e, finalmente, produtoras de conteúdo.

Estudiosos tentaram explicar a complexidade dos novos aspectos e questões que emergiram da nova plataforma, dos novos formatos e características da produção jornalística. Mielniczuk (2003), por exemplo, propôs uma nomenclatura cujas definições aplicam-se tanto à produção quanto à difusão das informações: a) jornalismo eletrônico: utiliza equipamentos e recursos eletrônicos; b) jornalismo digital: trata os dados em forma de bits; c) ciberjornalismo: utiliza o ciberespaço, as redes de computação; d) jornalismo online: utiliza tecnologias de transmissão de dados em rede e em tempo real; e) webjornalismo: utiliza uma parte específica da internet, a web.

Um dos aspectos mais representativos do jornalismo na web, portanto, é a sua multimídia (PALACIOS, 2003) ou convergência midiática, conceitos que expressam o conjunto de transformações sociais, culturais, tecnológicas e mercadológicas verificadas no contexto contemporâneo dos meios de comunicação, bem como das mudanças nas formas de relacionamento do público com estes últimos (JENKINS, 2008). Ambos podem ser compreendidos como a possibilidade de concentrar num mesmo ambiente ou plataforma formatos informacionais variados como texto, áudio, vídeo, fotografia, infográfico e animação.

A quarta fase do jornalismo online, situada na chamada web 2.0, apresentou características como banco de dados, informações mais bem organizadas e novos níveis de construção de narrativas baseadas em comunidade, colaboração e auto-organização e não em hierarquia e controle (ROCHA, 2015). Narrativas e produtos dinâmicos, redação integrada, informação estruturada, cibermeios mais autênticos e produção multiplataforma são outras marcas dessa fase. “Os editores da web 2.0 deixaram de pensar no conteúdo e passaram a investir nas plataformas, deixando o usuário livre para auxiliar na criação de conteúdo”, acrescenta

a autora (2015, p. 47).

Na quinta e atual fase, que pode ser associada à web 3.0, o jornalismo online vem sofrendo fortes modificações para se adaptar às novas plataformas, ou mídias móveis (smartphones e tablets), que exigem conteúdo para aplicativos e produtos nativos. Marcado por intensa inovação e renovação, esse estágio tem como uma das principais marcas o hiperlocalismo: informações de proximidade, conteúdo jornalístico específico para uma região a partir de aspectos geográficos e culturais. Nesse novo contexto, observa Canavilhas (2009), é preciso atender o leitor/usuário com um tipo específico de notícia, sobre um local determinado e no momento em que ele desejar.

Concebida a respeito do jornalismo em geral, a classificação de gêneros e formatos proposta por Melo e Assis (2016) pode contribuir para a sistematização da produção jornalística na internet. A categorização busca conjugar a intencionalidade jornalística com o aspecto estrutural do texto, a partir da divisão em gênero (classe) e formato (forma). Segundo esses autores (2016), os gêneros podem ser definidos por duas características básicas, sendo a primeira a sua aptidão para agrupar diferentes formatos com características comuns, e a segunda a sua função social.

Nessa perspectiva, os gêneros são classificados e subdivididos em formatos, agrupados conforme a função social: o gênero informativo (nota, notícia, reportagem, entrevista) tem a função de vigilância social; o gênero opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta, crônica) serve como um fórum de ideias; o gênero interpretativo (análise, perfil, enquête, cronologia, dossiê) exerce a função de esclarecimento; o gênero diversional (história de interesse humano, história colorida) serve como distração, lazer; e o gênero utilitário (indicador, cotação, roteiro, serviço) atua como auxílio nas decisões cotidianas (MELO; ASSIS, 2016).

Além dos gêneros e formatos, o jornalismo online também adaptou do impresso a divisão dos assuntos tratados em editoriais temáticas, que sempre serviram tanto para dividir e organizar o trabalho dos jornalistas nas redações quanto para agrupar os assuntos mais comuns do noticiário. No caso dos veículos online, a necessidade de lidar com a expressiva heterogeneidade do público não é diferente, sendo que “a organização do site em estruturas lógicas compreensíveis é fundamental para que o visitante não se perca e resolva navegar em outra freguesia” (VIANA, 2001, p. 44).

Mesmo num contexto de web 3.0 e quinta fase do jornalismo online, a estrutura de classificação, divisão ou agrupamento de assuntos é até hoje utilizada

rigorosamente por veículos online em todo o mundo ocidental, de jornais de porte global a pequenos sites de cidades fronteiriças. Evidentemente, a variedade temática é incalculável, de acordo com as opções editoriais de cada veículo – de Mundo a Local, de Cotidiano a Carros, por exemplo. A organização de conteúdos jornalísticos em editorias parece ser ainda a melhor forma de extrair do caos do jornalismo online alguma coerência, cuja eficácia sempre depende dos interesses do leitor/usuário.

### Sites de notícias: ambientes ‘desfronteirizados’

O cumprimento do objetivo central da pesquisa ampla – a identificação do espaço editorial dedicado pela imprensa fronteiriça online aos assuntos político-institucionais que envolvem a fronteira com potencial para cooperação ou conflito – exigiu o conhecimento, ainda que parcial, do contexto social, político e institucional no qual estão inseridos os sites de notícias, particularmente na fronteira Brasil-Paraguai. Para isso, entendemos ser necessário realizar uma pesquisa exploratória nas localidades, com visitas aos veículos dos dois lados, entrevistas ou conversas informais com jornalistas e outros profissionais da imprensa local, que ajudaram a compor o cenário do jornalismo fronteiriço.

O primeiro passo foi o levantamento dos principais veículos online existentes naquela região, inicialmente por meio das ferramentas de busca da internet (Google, Bing e Facebook). Depois de identificados e selecionados preliminarmente, os veículos com potencial para integrar a pesquisa foram classificados por ordem de relevância a partir da verificação métrica de audiência, medida com base nos critérios de número de acessos e tempo médio despendido pelos usuários na leitura das notícias. Para isso, utilizamos a ferramenta SimilarWeb ([www.similarweb.com](http://www.similarweb.com)), especializada em serviços de inteligência de dados para o mercado digital.

O levantamento dos sites de notícias foi realizado em 22 de dezembro de 2016 e apontou para a análise preliminar os seguintes veículos do lado brasileiro: Ponta Porã Informa ([www.pontaporainforma.com.br](http://www.pontaporainforma.com.br)), Porã News ([www.poranews.com](http://www.poranews.com)) e Conesul News ([www.conesulnews.com.br](http://www.conesulnews.com.br)) – os dois primeiros com sede e atuação em Ponta Porã e o terceiro sediado em Dourados (segunda maior cidade do Mato Grosso do Sul, localizada a 122 quilômetros de Ponta Porã). Do lado paraguaio, identificamos os sites Capitán Bado ([www.capitanbado.com](http://www.capitanbado.com)), que veicula conteúdo em português e espanhol sem critérios de separação e organização, e Amambay 570 ([www.amambay570.com.py](http://www.amambay570.com.py)), site oficial da Rádio AM Amambay 570.

Após o levantamento online<sup>2</sup>, seguiram-se os contatos diretos com jornalistas atuantes na região fronteiriça, que contribuiram com informações mais precisas para embasar a escolha dos veículos para a pesquisa ampla, além da indicação dos profissionais para futuras entrevistas. A segunda etapa constituiu-se de visita às cidades, entre os dias 27 e 30 de dezembro, e da realização de entrevistas abertas em profundidade com os representantes dos cinco veículos identificados. Considerando ainda critérios de localidade e noticiabilidade, selecionamos para análise em profundidade na fronteira Brasil-Paraguai os sites Ponta Porã Informa e Amambay 570 e, a seguir, apresentamos uma síntese das entrevistas escolhidas<sup>3</sup>.

### *Ponta Porã Informa*

Proprietário e editor do site Ponta Porã Informa, o radialista e jornalista Sebastião Neris Prado, entrevistado em 27 de dezembro de 2016, relatou que instituiu a empresa em meados de 2014 devido à dificuldade de trabalhar em outros veículos por conta de embates políticos como profissional de imprensa. Na ocasião, o site era alimentado basicamente pelo conteúdo apurado e escrito por ele e pela esposa, a advogada Dora Nunes, além de um repórter fotográfico responsável pela cobertura da área social (festas e eventos sociais), com reproduções de textos de assessorias de imprensa e de outros veículos, e por artigos enviados por cerca de 10 colaboradores.

Com a redação instalada na própria residência, num bairro de Ponta Porã – onde também funciona uma agência de publicidade para atender às demandas dos órgãos locais –, o site tem como foco editorial as áreas de política, polícia e social, buscando realizar uma cobertura factual e com a maior agilidade possível, de acordo com o proprietário. A esse respeito, Prado (2016) explica que

o site sobrevive de acessos e, para ter acessos, precisa divulgar o que está acontecendo instantaneamente, tendo cuidado com a informação, citando os fatos e não os nomes. Na área política, trabalhamos principalmente com a cobertura dos atos da Prefeitura e da Câmara, em todas as situações para as quais somos convidados. Também acompanhamos alguns atos da Prefeitura e da Câmara de Pedro Juan Caballero, traduzindo as matérias.

<sup>2</sup> Com pequenas variações, novas avaliações realizadas em 5 de janeiro de 2017 com a ferramenta Similarweb.com mostraram os mesmos resultados com relação a todos os veículos analisados.

<sup>3</sup> Durante a pesquisa exploratória, entrevistamos pelo menos um representante de cada veículo mencionado. Neste trabalho, no entanto, optamos por apresentar somente as entrevistas relativas aos veículos escolhidos para análise em profundidade, conforme os objetivos da pesquisa ampla. Na dissertação mencionada (ARAÚJO, 2018), a descrição analítica dos veículos compõe-se de vários elementos, como análises de layout e linha editorial, por exemplo, o que não cabe neste texto.

Embora só tivesse dois anos e meio de existência, o Ponta Porã Informa já era o site mais acessado do lado brasileiro. Prado (2016) atribuiu o resultado a uma combinação de fatores: outdoors localizados em vários pontos da cidade para divulgação do veículo; postagem das matérias nas ferramentas de mídia social; uma coluna de aniversariantes do dia, com publicação de fotos e nomes de cidadãos locais; e o principal deles: “Tenho um programa diário matinal na rádio Cerro Corá FM 91.5, de Pedro Juan Caballero, onde gravo as entrevistas e as transformo em matérias para o site nos formatos texto e áudio”, relatou.

De acordo com o jornalista, a média diária de produção própria é de 10 a 12 matérias, sendo as demais resultantes de reprodução de outros veículos, conteúdo produzido por colaboradores ou das assessorias de imprensa – principalmente no caso de assuntos frios, não factuais, não urgentes. “Nossa orientação é que todas as notícias de capa sejam locais, e é isso que buscamos fazer para dar visibilidade à cidade”, destacou, acrescentando que, para atender os anunciantes e chamar a atenção dos leitores, utiliza práticas de merchandising na página inicial do site, divulgando promoções de comerciantes locais.

Quanto à cobertura da temática fronteiriça e dos assuntos do lado paraguaio, Prado (2016) revelou que, por conta de seu programa na rádio Cerro Corá FM 91.5, o acesso às autoridades paraguaias é relativamente fácil, como o governador do Departamento de Amambay e o alcalde de Pedro Juan Caballero. As frequentes entrevistas na rádio, bem como um boletim diário produzido por um repórter paraguaio com as notícias da cidade vizinha, oferecem um rico material jornalístico para o site:

Publicamos as matérias que podem despertar mais interesse dos brasileiros, como lançamentos de obras e projetos sociais, que traduzimos para o português. No Paraguai, a prática da assessoria de imprensa ainda é muito recente, inclusive das próprias instituições públicas, mas, por outro lado, o jornalismo praticado nas rádios é muito forte e dinâmico, e as informações circulam de forma muito mais rápida. Quando um radialista abre um programa jornalístico às 7 horas da manhã, são dois ou três profissionais no estúdio e mais cinco ou seis repórteres nas ruas, buscando notícias. (PRADO, 2016).

O jornalista admitiu, no entanto, que são raras as situações em que se desloca até o lado paraguaio para cobrir ou apurar fatos, graças à facilidade para a rápida e constante troca de mensagens instantâneas entre os profissionais de imprensa dos dois lados por meio de ferramentas digitais. “Existe uma grande amizade entre os periodistas daqui e de lá. Com o envio de imagens e informações de um lado ao outro, só cruzamos a fronteira para produzir matérias no caso de grandes eventos ou fatos muito relevantes, e quando somos convidados”, afirmou Prado (2016), citando a Semana Acadêmica de uma faculdade paraguaia como exemplo.

## *Amambay 570*

O site Amambay 570 originou-se da rádio Amambay 570 AM, emissora fundada por Antonio Delgado, Oscar Charbel e Epifanio Rolón e que foi ao ar pela primeira vez em 12 de outubro de 1959. O veículo localiza-se no centro de Pedro Juan Caballero, a cerca de 700 metros da Linha Internacional. Conforme histórico disponibilizado pela empresa, foi a primeira emissora do norte e nordeste do Paraguai, adotando por isso o mote “La Pionera” e o slogan “Síntesis de una expresión popular al servicio del bien común”, servindo por muitos anos como ponto de referência e orientação para os pilotos de aviões que chegavam às duas localidades.

Em 1975, a emissora começou a expandir sua difusão para além da fronteira, alcançando Asunción ao passar a transmitir em ondas curtas. Na ocasião da pesquisa, a empresa pertencia aos irmãos Jose Carlos Acevedo Quevedo, então intendente de Pedro Juan Caballero na ocasião, e Roberto Ramón Acevedo Quevedo, então senador e presidente do Senado do Paraguai. Lançado em meados de 2012 como extensão da rádio, o site reproduz em formato de texto grande parte do conteúdo jornalístico e comercial da emissora, além de transmiti-la ao vivo digitalmente, com programação contínua entre 5h e 23 horas.

Trabalhando como auxiliar administrativo da rádio Amambay 570 AM, Rosimari Centurion era, na ocasião da entrevista em 30 de dezembro de 2016, a profissional responsável por administrar e supervisionar o conteúdo jornalístico do site, no qual trabalhavam mais duas pessoas. “Eu não apuro e não escrevo, apenas publico as notícias nacionais. Tem outra pessoa que traduz e publica as notícias coletadas de veículos do Brasil e tem ainda um redator que converte o conteúdo das notícias e entrevistas da rádio em textos para o site”, relatou Centurion. Ela confirmou que não há produção jornalística própria do site, sendo o conteúdo proveniente das entrevistas e locuções na rádio ou reproduzido de outros veículos.

Ainda segundo Centurion (2016), o site não tem uma linha editorial definida ou um foco específico de atuação. Assim, busca cobrir a maior variedade possível de assuntos, desde as pautas policiais e políticas locais, nacionais e internacionais até as variedades do cotidiano, conforme os temas são abordados e discutidos nas diversas entrevistas realizadas ao longo da programação da rádio. “De manhã, temos um locutor no estúdio e seis repórteres nas ruas buscando notícias. À tarde são três repórteres e um à noite. Cobrimos todas as pautas, mas as matérias que recebem mais acessos são homicídios, acidentes e banalidades”, relatou.

Com relação à cobertura política na região, Centurion (2016) afirmou que os repórteres da rádio Amambay 570 AM cobrem com frequência as ações da

Prefeitura de Pedro Juan Caballero e as sessões parlamentares da Junta Municipal e da Junta Departamental de Amambay, mas não as ações da Gobernación de Amambay, “por motivos de rivalidade política” entre a família proprietária dos veículos de comunicação e o governador da ocasião, Pedro González Ramírez. Quanto à cobertura jornalística no lado brasileiro, ela também enfatizou que os repórteres mantêm contato direto e contínuo com os colegas do outro lado, e salientou:

Quando tínhamos um contrato de publicidade com a Prefeitura de Ponta Porã para divulgação de matérias na rádio e no site, a cobertura era mais frequente no lado brasileiro, mas não é mais o caso. Agora só vamos ao Brasil em casos policiais graves, acidentes sérios ou ocasiões muito especiais, como o Dia 7 de Setembro, o aniversário de Ponta Porã ou as eleições. Para as pautas políticas comuns não vamos mais, buscamos as notícias nos sites brasileiros, traduzimos e postamos. (CENTURION, 2016).

Conforme a auxiliar administrativo (2016), notícias sobre fatos de Ponta Porã e situações que envolvem os dois governos locais ou ações conjuntas dos órgãos de segurança são frequentes na rádio e no site. Um exemplo destacado foi uma parceria firmada entre as prefeituras de Ponta Porã e de Pedro Juan Caballero para ampliação e modernização da iluminação pública ao longo da Linha Internacional, do centro das duas cidades até os distritos de Sanga Puitã (Brasil) e Zanja Pytá (Paraguai). Inaugurado em junho de 2016, o sistema de iluminação foi resultado de um acordo de cooperação entre os dois municípios, por meio do qual a cidade brasileira financiou a implantação da infraestrutura e a paraguaia custeia a energia elétrica.

## Considerações finais

Buscamos relatar neste texto aspectos do contexto onde corajosamente atuam inúmeros veículos e profissionais em regiões que impressionam pelas dificuldades e riscos envolvidos, mas também pela riqueza de matéria-prima jornalística. O que podemos inferir é que o jornalismo praticado pelos sites de notícias irriga a vida social, política e cultural nas fronteiras com informações essenciais para a vida cotidiana. Paradoxalmente, muitas vezes retrata as fronteiras como se fossem apenas espaços de criminalidade e ilicitudes, contribuindo para reforçar preconceitos e estigmas já tão propagados pela mídia nacional.

Evidentemente, este trabalho representa uma faceta bastante limitada da realidade da imprensa fronteiriça, primeiro porque aborda somente uma região de duas que compõem uma pesquisa exploratória, esta por sua vez uma pequena parte de um estudo muito mais amplo. Segundo porque a própria pesquisa maior trata de um universo específico da mídia nas regiões de fronteira: os sites

de notícias. Ainda assim, entendemos que os depoimentos de profissionais que atuam no cotidiano informacional das localidades, embora neste trabalho apresentamos apenas dois deles, oferecem importantes subsídios para a compreensão desses ambientes.

Dessa forma, situamos o jornalismo local como um dos elementos inerentes à dinâmica das fronteiras nesse contexto de complexidade e ambivalência, movimentos contraditórios de abertura e fechamento, divisão e aproximação, mas principalmente de mobilidade e fluxo. Entendemos que essa atividade exerce, ou deveria exercer, função primordial na organização das comunidades, atuando como o fórum de debates por excelência das questões políticas, econômicas, culturais, sociais, históricas, ambientais, urbanísticas e comunicacionais locais e regionais, ou seja, um canal privilegiado para o trânsito de ideias que aproximam os povos em contato.

Os veículos analisados são estrutural, empresarial e editorialmente muito diferentes entre si, tornando desafiadora a tarefa de encontrar entre eles elementos comuns sob os mesmos parâmetros. O Ponta Porã Informa nasceu na e para a internet, diferentemente do Amambay 570, oriundo de uma emissora de rádio e pertencente a um grupo político local. Apesar das diferenças, ambos são sites de notícias atuantes na fronteira, tendo o aspecto fronteiriço como parte de seu cotidiano jornalístico. Além disso, têm como principal produto o gênero informativo e o formato notícia (hard news) e organizam seus conteúdos em editorias temáticas.

O levantamento apontou que as limitações estruturais e financeiras típicas de pequenos mercados mantêm os veículos analisados presos a um estágio digital típico do início dos anos 2000, pouco distinguível do modelo de transposição do jornalismo impresso para o online. Ou seja, suas estruturas técnicas estão muito distantes daquelas que já possuem os grandes veículos nacionais e globais, como produção multiplataforma, hiperlocalismo e informações de proximidade, produtos nativos, entre outros. Também mantêm modelos de negócios muito dependentes de publicidade convencional e do poder público.

Dessa constatação surgiu uma questão para novas investigações: em ambientes de precariedade publicitária e limitações técnicas, como continuarão sustentáveis esses veículos locais no contexto da convergência midiática e da web 3.0? Se a grande mídia mundial, incluindo jornais seculares e de reputação global, debate-se numa busca desesperada pela manutenção da viabilidade econômica do negócio de notícias – sobretudo diante de novos gigantes de mídia como Google e Facebook – como ficam os sites de notícias atuantes em regiões de fronteira?

Evidentemente não temos a resposta, mas é possível afirmar que as empresas jornalísticas que insistirem no tradicional modelo baseado no subsídio publicitário para oferta gratuita de conteúdo estão fadadas a desaparecer. Além disso, não há fórmula única de sucesso garantido e, assim, cada empresa deverá desenvolver seu próprio modelo, testar suas próprias soluções. De todo modo, qualquer que seja a estratégia ou recurso adotado, os veículos não poderão perder o compromisso com a clara diferenciação entre o jornalismo e a futilidade, para que o primeiro continue sendo percebido como bem público essencial.

Considerando o papel da imprensa fronteiriça, pelo menos em potencial, de atuar como mediadora entre as culturas dos dois lados, é desejável que os veículos encontrem ou produzam soluções criativas para se manterem empresas viáveis frente à necessidade sempre crescente da produção de jornalismo de qualidade. Afinal, é por meio do jornalismo fronteiriço, periférico e ao mesmo tempo transnacional, que as comunidades podem se expressar para além dos limites físicos, manifestando suas peculiaridades locais e conectando-se internacionalmente. Além disso, da sobrevivência dos veículos depende, em grande medida, a qualidade do debate público das questões locais nessas regiões.

## Referências

- ARAÚJO, G. R. *A fronteira ignorada: cooperação e conflito na imprensa fronteiriça on-line*. 2018. 186 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.
- BARTH, F. *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- CANAVILHAS, J. A comunicação política na era da internet. In: CONGRESSO LUSOCOM, 8., 2009, Lisboa. *Anais [...]* Lisboa, 2009. Online.
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.
- MELO, J. M.; ASSIS, F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, 2016.
- MIELNICZUK, L. Características e implicações do jornalismo na Web. In: CONGRESSO DA SOPCOM, 2., 2001, Lisboa. *Anais [...]* Lisboa, 2001. Online.
- MIELNICZUK, L. Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web. In: MACHADO, E.; PALACIOS, M. (Orgs.). *Modelos de jornalismo digital*. Salvador: Calandra, 2003. p. 37-54.
- MOREIRA, S. V. Por que Geografias, no plural, para a Comunicação? In: MOREIRA, S. V. (Org.). *Geografias da Comunicação: espaço de observação de mídia e de culturas*. São Paulo: Intercom, 2013. v. 3. p. 11-22.
- MÜLLER, K. M. *Mídia e fronteira: jornais locais em Uruguaiana-Libres e Livramento-Rivera*. 2003. 362 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2003.

- MÜLLER, K. M. Mídia local fronteiriça: do impresso ao on-line. In: RADDATZ, V. L. S.; MÜLLER, K. M. (Orgs.). *Comunicação, Cultura e Fronteiras*. Ijuí: Editora Unijuí, 2015. p. 117-137.
- MÜLLER, K. M.; RADDATZ, V. L. S.; BOMFIM, I. Mídia local nas páginas da web: fronteiras culturais no espaço das fronteiras nacionais. *Revista Comunicação Midiática*, Bauru, v. 8, n. 2, p. 58-74, 2013.
- OTA, D. C. Mapeamento da mídia fronteiriça em Mato Grosso do Sul. In: MOREIRA, S. V. (Org.). *Geografias da Comunicação: espaço de observação de mídia e de culturas*. São Paulo: Intercom, 2013. v. 3. p. 285-298.
- PALACIOS, M. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória. In: MACHADO, E.; PALACIOS, M. (Orgs.). *Modelos de jornalismo digital*. Salvador: Calandra, 2003. p. 13-36.
- PERUZZO, C. M. K. Mídia local, uma mídia de proximidade. *Revista Comunicação: Veredas*, São Paulo: Unimar, v. 2, n. 2, p. 65-89, 2003.
- RADDATZ, V. L. S. Fronteiras culturais: o papel do rádio fronteiriço. In: RADDATZ, V. L. S.; MÜLLER, K. M. (Orgs.). *Comunicação, Cultura e Fronteiras*. Ijuí: Editora Unijuí, 2015. p. 201-218.
- RADDATZ, V. L. S. *Rádio de fronteira: da cultura local ao espaço global*. 2009. 187 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- ROCHA, L. V. Mobilidade, convergência e hiperlocalismo no webjornalismo brasileiro. *Revista Interin*, Curitiba, v. 20, n. 2, p. 43-65, 2015.
- RUIZ, O. O ir e vir: as relações fronteiriças (México e EUA). *Revista O Olho da História*, Salvador, n. 3, 1996.
- SOARES, M. V. C. *Televisão Fronteiriça: TV e telejornalismo na fronteira do Brasil e Paraguai*. Campo Grande: Editora UFMS, 2011.
- VIANA, E. C. *Para um manual de redação do jornalismo on-line*. Secretaria Especial de Comunicação Social, Cadernos da Comunicação – Série Estudos. Rio de Janeiro, 2001.
- WEBER, A. F. A circulação do português e do espanhol na fronteira: o global e o local no espaço entre-línguas. *Revista Raído*, Dourados, v. 5, n. 9, p. 217-229, 2011.
- ZURITA, R. W. P. *Aproximación al concepto de periodismo transfronterizo*. Piura: UDEP, 2004.